



## Feiticeiros Saberes: Intelectuais Negras Sapatonas e Além

Mayana Rocha Soares<sup>1</sup>

Léa Santana<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente ensaio, a partir de três giros analíticos e performáticos, enfatiza a importância da produção intelectual de sapatonas negras nos âmbitos científicos, literários e artísticos na construção de conhecimentos que alarguem narrativas sobre nós, a partir de nós, e assim consigam construir caminhos de rasura de perspectivas teóricas e políticas hegemônicas e opressoras sobre nossas corporeidades. Acreditamos que os saberes que advêm das experiências intelectuais e artísticas de sapatonas negras geram novas possibilidades éticas de coabitar o mundo, de modo que possamos construir efetivas chances de coexistir em diferença. Não ler, acessar ou (re)conhecer trabalhos de sapatonas negras como um importante campo de produção de saberes, portanto, leva ao que Sueli Carneiro chamou de epistemicídio, ou seja, o apagamento de nossas epistemologias. Por isso, compreendemos que tais saberes se instauram como feitiçaria de cura, principalmente vindo de campos artísticos, como a literatura, tendo em vista sua potência revolucionária e afetiva de contágio e desorganização de ordenamentos ontoepistemológicos opressores.

**Palavras-chave:** Intelectuais negras sapatonas, Literatura, Produção de conhecimento.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no programa de pós-graduação em Literatura e Cultura (PPGLITCULT/UFBA), pesquisa a produção literária contemporâneas de escritoras lésbicas negras brasileiras. Mestra em Estudos das linguagens (PPGEL/UNEB), onde trabalhou com a escritura queer de João Gilberto Noll. Especialista em Estudos Culturais, História e Linguagens (UNIJORGE). Graduada nas Licenciaturas Letras com Espanhol (UNIJORGE) e Ciências Sociais (UFBA).

<sup>2</sup> Possui graduação em Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (2004) e mestrado (2013) e doutorado (2019) pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA). Atualmente é pesquisadora no Núcleo de Cultura e Sexualidade (NuCuS) - coordenando a linha de pesquisa Lesbianidades, Interseccionalidades e Feminismos. Tem experiência na área de Comunicação, Gênero, Políticas Públicas, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, pornografia, mídia, feminismo, sexualidade e estudos feministas.

**ABSTRACT:** This essay, based on three analytical and performance turns, emphasizes the importance of the intellectual production of black *sapatonas* in the scientific, literary and artistic spheres in the construction of knowledge that expands narratives about us, from us, and thus manages to build pathways of erasure of hegemonic and oppressive theoretical and political perspectives on our corporeality. We believe that the knowledge that comes from the intellectual and artistic experiences of black *sapatonas* generates new ethical possibilities for cohabiting the world, so that we can build effective opportunities of coexisting in difference. Not reading, accessing or (re)conizing the works of black *sapatonas* as an important field of knowledge production, therefore, leads to what Sueli Carneiro called epistemicide, that is, the erasure of our epistemologies. Therefore, we understand that such knowledge is established as healing witchcraft, mainly coming from artistic fields, such as literature, in view of its revolutionary and affective potency of contagion and disorganization of oppressive ontoepistemological orders.

**Keywords:** Black *sapatonas* intellectual, Literature, Knowledge production.

**RESUMEN:** Este ensayo, basado en tres giros analíticos y escénicos, enfatiza la importancia de la producción intelectual de la *sapatonas* negras, en los ámbitos científico, literario y artístico en la construcción de conocimientos que amplíen narrativas sobre nosotras, desde nosotras, y así logren construir caminos que rasuren las perspectivas teóricas y políticas hegemónicas y opresivas sobre nuestras corporeidades. Creemos que el conocimiento que proviene de las experiencias intelectuales y artísticas de las *sapatonas* negras genera nuevas posibilidades éticas de convivencia en el mundo, para que podamos construir posibilidades efectivas de convivencia en la diferencia. No leer, acceder o (re) conocer las obras de las *sapatonas* negras como un campo importante de producción de conocimiento, conduce, por tanto, a lo que Sueli Carneiro denominó epistemicidio, es decir, el borrado de nuestras epistemologías. Por tanto, entendemos que dicho conocimiento se establece como brujería curativa, proveniente principalmente de campos artísticos, como la literatura, en vista de su potencia revolucionaria y afectiva de contagio y desorganización de órdenes ontoepistemológicos opresivos.

**Palabras-clave:** Intelectuales *sapatonas* negras, Literatura, Producción de conocimiento.

## PRIMEIRO GIRO – SABERES E FEITIÇARIAS

Figura 1. Tela em aquarela de Ani Ganzala



Fonte: @ganzalarts

### *xirê*

*vi o que as pretas faziam  
de branco da cabeça aos  
tornozelos, que nos pés descalças  
alguém cochichou  
"tão ensinando o santo a dançar"*

*Intuí:*

*tão é ensinando o corpo orixá(r).  
(nascimento, 2017, p. 89)*

O xirê é movimento. É espaço de entrada e saída de divindades, de energias, de ritmo. É palavra de origem iorubana, ritual das festas sagradas das Casas de Axé (Ilê). Um ritual bailado, produzido em roda, pelas pessoas da casa, para saudar, evocar e receber Orixás. Quando um xirê começa, toda a comunidade de axé e todas outras pessoas que por ali passam são convidadas a se conectarem. É feitiço porque é encantamento e também produção de saberes. Nesse poema de abertura, *xirê*, de tatiana nascimento, o movimento dos corpos de pretas a orixá(r) cantigas, ritos e itans, giram seus corpos negros narrando, através deles, suas existências compartilhadas, assim como na imagem reproduzida da pintura de Ani Ganzala. Na pintura, vemos uma celebração dos corpos negros e indígenas, que, mesmo diante do genocídio institucional e do epistemicídio no Brasil, presente desde

a colonização, não cansam de (re)existir através da política do afeto.

Tanto o poema como a pintura, nesse giro de abertura, nos revelam mulheres negras e indígenas – não brancas – e sapatonas que estão em posição de autoridade, de vínculo com os saberes sagrados, de produção de conhecimento com seus corpos e de movimentação desses saberes. Portanto, xirê é esse feitiço fronteiro de entrecruzamentos, como um devir, de forças, potências e trocas de saberes diversos onde os povos pretos em diáspora reencenam e refundam traduções de si. Ele faz movimentar a roda, os cantos, as danças e movimentam também os saberes que circulam e que emanam da força ancestral. O giro, portanto, movimenta, oxigena, revitaliza os saberes, porque sopra sobre eles sua potência criativa de transformação.

Na constituição intelectual do Brasil, mulheres negras têm, historicamente, assumido o difícil lugar da rasura, posto que buscamos emanar nossas vozes muito alto para que possam ser ouvidas, e ainda assim, temos nossos conhecimentos e nossas intervenções intelectuais questionadas, suprimidas e apropriadas. O giro, portanto, também configura aqui essa guinada conceitual para que possamos nos ouvir e, juntas, construir outras narrativas sobre nossos corpos, desejos, sobre um mundo possível em que possamos existir em plenitude, e não apenas sobreviver. No entanto, a rasura é esse difícil e ingrato lugar do questionamento porque, como somos inseridas em um formato de estrutura social cuja predominância ativa de poder falar e ser ouvido pertencem aos homens brancos, nosso poder de voz é, frequentemente, suprimido, desautorizado, castrado.

A castração, a partir do conceito freudiano, corresponde ao temor da perda, à angústia masculina de ter seu falo cortado (FREUD, 1996). Esse falo, símbolo de poder e supremacia branca, corresponde ao poder constitutivo que o pênis em corpos masculinos tem frente a absolutamente tudo. A castração, portanto, corresponde a uma dor masculina e branca criada para que se mantenha viva na memória ocidental o poderio dos corpos que se elegeram para governar, para criar, para produzir: a humanidade cis<sup>3</sup> branca e masculina. Por isso, tudo o que ameace tal legitimidade, será controlado, classificado,

---

<sup>3</sup> Conceito desenvolvido pelos estudos trans e travestis para designar pessoas que, ao nascerem, são designadas com um determinado gênero e continuam em plena concordância com esse gênero designado durante sua vida. Para saber mais mais, ler *Sou travestis: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade decolonial*, de Viviane Vergueiro e *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*, de Jaqueline Gomes de Jesus.

diminuído e anulado.

Utilizando do símbolo da castração, quando os demais saberes são extirpados da legitimidade científica, como os saberes ameríndios e dos povos negros, e relegados às noções de não-saberes ou saberes populares, tradição, credices ou feitiçarias, estão sendo louvados como conhecimento legítimo exclusivamente os saberes produzidos pela branquitude masculina, castrando, por medo de perder o exercício de sua dominação, conhecimentos outros com os quais poderia aprender, inclusive, a coexistir. Castram-se os conhecimentos, suas formas e metodologias, dos sujeitos não brancos e cismasculinos para que, com isso, os saberes produzidos pelas masculinidades cis brancas possam ditar os modos de existir no mundo. Isso é exercício de poder, de dominância, e é o que Suely Carneiro (2005) chamou de epistemicídio.

Esse mecanismo de castração intelectual faz parte da tradição branca ocidental, na modernidade, a fim de excluir saberes que não provinham da falácia da objetividade, universalidade e reprodutibilidade científica. No entanto, os feminismos negros, os saberes chicanos, os transfeminismos, os conhecimentos indígenas, estão, a muito tempo, pondo em xeque a tal cientificidade moderna, mobilizando outros saberes, contaminando, fortalecendo e construindo modos outros de pensar, materializar e reorganizar o mundo.

Como projeto do capitalismo branco heterocismasculino de supremacia branca é a tentativa de incorporação da nossa existência subalternizada, em geral, como estratégia de mercado, ocorre, com frequência, via o mecanismo do fetiche de devoração desse “Outro” – tentativa de aprisionamento paternalista do “outro”; apropriação cultural; mercantilização sexual dos nossos corpos; etc (hooks, 1992).

Ser vulnerable a la seducción de la diferencia, buscar un encuentro con el Otro, no requiere renunciar para siempre a la posición dentro de la corriente dominante. Cuando la raza y la etnicidad se comercializan como recursos para el placer, puede considerarse que la cultura de grupos específicos, así como los cuerpos de los individuos, constituyen un parque de recreo distinto en que los miembros de razas, géneros y prácticas sexuales dominantes afirman su poder en las relaciones íntimas con el Otro (hooks, 1992, p. 19).

Devorar esse outro constituído em alteridade, o conhecimento do outro, absorvê-lo, portanto, constitui em uma sofisticada tecnologia racista e heteronormativa para controlar os corpos. É reafirmação de privilégios e manutenção da ordem racial na sociedade de soberania branca. hooks (1992) está nos alertando sobre os mecanismos racistas disfarçados de “viva a diversidade”, que tanto ecoa, ainda hoje, no mercado de

publicidade e no *marketing mainstream*, mas que reverbera em todas as esferas da sociedade, em especial, na produção do conhecimento.

Quando nossos saberes, de mulheres negras e sapatonas, são relegados, há o epistemicídio dos saberes produzidos pelas populações negras e das dissidências sexuais e de gênero, ou seja, a perda irreparável de aprender conosco e ter as nossas experiências levadas em conta. Quando Patrícia Hill Collins (2016) escreveu sobre a ‘estrangeira de fora’ (*outsider within*), ela colocou em questão o que os sociólogos brancos, e seus estudos sociológicos norte-americanos, estavam perdendo ao não trazer para a baila da produção intelectual a presença das mulheres negras afro-americanas e seus conhecimentos sobre a sociedade estadunidense. Perdem em aprender que a experiência, a posição de sujeito, é fundamental para conseguirmos um retrato sociológico mais próximo da realidade constituída, por exemplo. Isso é epistemicídio.

Segundo Collins (2016, p. 103-104), “feministas negras têm questionado não apenas o que tem sido dito sobre mulheres, mas também a credibilidade e as intenções daqueles que detêm o poder de definir”. O que a autora está nos dizendo é que mulheres negras (e aqui inserimos/insistimos lgbtqi+) estão construindo processos de autodefinição e autoavaliação há muito tempo. Ou seja, estamos desafiando os discursos que criam estereótipos sobre nós e refundando novas narrativas que garantam uma autonegação não estereotipada. Precisam nos ouvir.

A arrogância colonial não permitiu (e continua não permitindo) que a branquitude ocidental aprenda com os saberes não-ocidentais, diferente do povo negro que, para sobreviver, compreendeu que a melhor estratégia foi se apropriar dos conhecimentos do povo branco e, nele, suturar seus próprios saberes. E isso, conforme Beatriz Nascimento (2006), foi uma das estratégias para que os quilombos fossem não só um sonho, mas uma realização concreta da vitória (mesmo que precária e provisória) do povo negro frente à violência da escravidão. O quilombo, segundo a autora, é um sistema político, que atua tanto no sentido de organização do povo negro em diáspora, quanto no sentido de fortalecimento afetivo, manutenção das nossas experiências e enfrentamento da escravidão, o que agora chamamos de racismo.

Então, nesse momento, a utilização do termo quilombo passa ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta como se reconhecendo homem, como se reconhecendo pessoa que realmente deve lutar por melhores condições de vida, porque merece essas

melhores condições de vida desde o momento em que faz parte dessa sociedade (NASCIMENTO, 1989 *apud* RATTTS, 2006).

A autora concebia os quilombos urbanos como “comunidades negras” em resistência frente ao racismo e às violências do Estado que violavam terras e desautorizavam a existência dos quilombos urbanos, seus povos e tradições. Como historiadora, escritora, poeta e quilombola, Beatriz Nascimento dedicou-se a compreender e ressignificar o conceito atribuído ao quilombo, a partir de sua força motriz de organização material e subjetiva do povo preto em diáspora, desde o período colonial.

É nesse mecanismo quilombista, de revolução e recontação de nossas histórias, que esse giro conta com a presença do conceito de *cuíerlombo* literário. Conceito elaborado em quilombo, por Tatiana Nascimento, Ani Ganzala e Jess Oliveira, três intelectuais negras e sapatonas, que se inspiraram no conceito de quilombo de Beatriz Nascimento (2006) para pensar um quilombo que escapasse à cisheteronormatividade colonial de supremacia branca, e fosse atravessada pela existência dos corpos, vozes e belezas *cuíer*<sup>4</sup>. No entanto, esses giros de análise se centrarão na intelectual Tatiana Nascimento, sem demérito às demais, apenas por ter em vista sua atuação como intelectual poeta que dirige uma editora, a *padê* editorial. Os giros que seguem darão conta de ambientar melhor essa intelectual e sua atuação *cuierlombista* no mercado editorial.

**Figura 2.** Tela em aquarela de Ani Ganzala



**Fonte:** @ganzalarts

---

<sup>4</sup> Temos grafado o termo mais reconhecido como “queer” com “cuíer” primeiro, para romper com a tradição hegemônica branca da teoria queer norte-americano, e nos aproximando mais da grafia latinoamericana; segundo, em respeito à própria utilização da autora, em seu conceito de *cuíerlombo*.

**quitanda**  
fru  
ta seca  
bu ceta sucu  
lenta chu pa que  
é de uva manga aba  
caxi maçã y seus lábios  
de romã, seus dedos tece  
lá lúcuma tucumã naranja tropi  
cana y banana  
passa, só o desejo que nã.... num  
passa  
(nascimento, 2017, p. 79).

O afeto, o amor, o cuidado e o desejo entre mulheres negras foi negado como possibilidade de realização no pensamento ocidental colonial. bell hooks (2010), em *Vivendo de Amor*, conseguiu explicar bem como essa impossibilidade foi criada. Como o amor é um afeto de regeneração, de potência de vida, uma das estratégias coloniais foi tentar suprimir o amor como afeto possível às pessoas negras. Do mesmo modo, pessoas negras, marcadas com a experiência da escravidão e, posteriormente com o racismo, afastaram-se do amor como forma de autoproteção e sobrevivência à dor, segundo hooks (2010). Sendo assim, a autora nos convoca à experiência do amor como prática de cura e libertação para o povo preto e mestiço. O amor como subversão e insurgência frente às violências coloniais.

Essa também é a mensagem proposta pelo cuérlombismo: nos ensinar é que essa impossibilidade faz parte de uma tecnologia discursiva brancas e cismasculina para “dividir e conquistar”. Não está inscrita em nossos genes, não faz parte de nossas tradições, não faz nem parte de nossas cosmogonias. O processo de generificação e sexualização de nossos corpos e desejos faz parte do projeto ocidental cisheteromascuino capitalista de supremacia branca. Inspiradas nos itans, por exemplo, podemos, através de nossas alianças afetivas, recriar narrativas de amor e superação.

a negritude LGBTQI na/da diáspora ainda luta contra estereótipos que atribuem homossexualidades/dissidência sexual a uma “praga branca” contaminante de viris povos negros pela via da colonização, e consequentemente acusam de embranquecimento/colonialidade um bocado de orientações sexuais, identidades de gênero, práticas de sexo-afeto que são, efetivamente, negramente ancestrais y documentadas, por exemplo, em itans – contos fundacionais da cosmovisão iorubana que chegaram ao brasil pelo trânsito religioso, difundidos e mantidos por aqui graças à cosmovisão do candomblé (e muita apropriação antropológica!, via que me fez conhecer muitos dos itans, inclusive) (nascimento, 2018).



A pintura de Ani que abre esse nosso segundo giro é a possibilidade de tradução de novas narrativas cuierlombistas, ou seja, a recontação de histórias possíveis sobre nós, pessoas cis, trans, não binárias negras sapatonas. No poema *quitanda*, de tatiana nascimento, diferente da recorrente associação da buceta a referenciais negativos, criado e reforçado pela branquitude masculina, como “suja”, “impura”, “feia”, etc, temos a reescritura da buceta em termos de autodefinição e autoavaliação (COLLINS, 2016), de beleza e plenitude, associada à fruta, à suculência.

talvez a colonização, em suas várias etapas ao longo dos séculos desde o XV, é que tenha levado pro continente as lgbtqifobias como as conhecemos – y ainda é colonial o esforço de cisgeneridade heterossexista de supremacia branca e capitalista na difusão, pela diáspora, de modelos binários/dicotômicos de sexualidade polarizada e fundamentada em padrões de reprodução via discursos muitas vezes disfarçados de “o modo africano de vida”. como se houvesse um único modo africano de vida, e não centenas de línguas, povos, culturas, ideologias conflitantes, matrizes cosmológicas distintas, hábitos, fazeres, pensares – afinal, África não é um país e tampouco um monolito cultural. e a colonização, invés de um rasgo histórico que pára um momento no tempo, foi e é um projeto civilizatório de determinada matriz étnico-racial que exclui civilizações outras, e suas práticas/conhecimentos/modos de vida tradicionais, inclusive e de forma muito fundamental à manutenção de sua supremacia econômica, cultural e política. planificar as práticas, expressões, vivências e experiências sexuais que sejam divergentes ao seu modelo civilizatório ideal, entender um conjunto de povos milenares como um único povo dum único pensamento e duma única prática sexual é, assim, racismo colonial. acho foda/triste/assustador que estejamos, tantas, dentro de comunidades negras usando esse caminho pra deslegitimar as expressões “dissidentes” de sexualidade negra enquanto “embranquecimento”, “colonização” (nascimento, 2018).

Daí que o cuierlombismo cumpre esse duplo movimento, conforme nascimento (2018), de resistir e reorganizar as experiências das dissidências sexuais e de gênero na diáspora negra. Como prática e experiência, o cuierlombismo não trata de um universo monolítico de pessoas, nem da classificação dos sujeitos, mas da efetivação da diversidade, da experiência de coexistir em diferença. Para tanto, é preciso reconstruir nossas histórias, inventar outras, criando modos múltiplos de existir no mundo. O cuierlombismo literário, portanto, é essa presentificação dessas experiências já afrografadas (MARTINS, 2002) em nossos corpos, em nossos textos, em nossa prática literária. No texto *Da palavra queerlombo ao cuierlombo da palavra*, tatiana nascimento (2018) vai nos descrevendo como a literatura tem um papel fundamental na prática cuierlombista. “penso que a gente sempre se aquilombou pela poesia, pela literatura, ao longo desses séculos de

silenciamento físicos, simbólicos, epistêmicos” (nascimento, 2018).

Para a autora, como prática de libertação, o cuíerlombismo literário compõe o espaço para a dor, para a denúncia, mas também para o direito ao devaneio, ao sonho, para a criação e invenção de nossas narrativas. Sapatonas se amando, sendo mães, organizando seus cuíerlombos, na frente, no front e na base de luta, na produção intelectual dos saberes, na base epistemológica da produção dos saberes, na materialização da vida:

a literatura é uma dessas artes com as quais inventamos mundos novos, possíveis, utópicos, inimaginados. pela palavra compartilhada nos aqueerlombamos. e criamos um cuierlombo não só de resistência – mas de sonho, de afeto, de semente. ressonância de beatriz nascimento y sua refundação conceitual do quilombo como um sistema político, ideológico, místico de organização da resistência negra à escravização a partir da criação coletiva de sociedades livres e autogestionadas. que sejam nossos quilombos cada vez mais queerlombos > cuíerlombos, de transformação não só das palavras que nos definem, mas de explosão y proliferação das definições que as palavras podem reinaugurar (nascimento, 2018).

tatiana nascimento – que prefere ver seu nome assim grafado, em minúsculo – é uma intelectual negra sapatão de Brasília, escritora, poeta, cantora, editora, doutora em Estudos da Tradução, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e licenciada em Letras Português, pela Universidade de Brasília (UNB). Em seus trabalhos de tradução, já traduziu trabalhos de Audre Lorde, bell hooks e Glória Anzaldúa. Tem publicado dois livros, o lundu (2017) e o mil994 (2018), ambos de poesia. Além disso, faz shows como cantora, é ativista antirracista e lgbtqi+ e atua como editora chefe da editora padê editorial. Inclusive, uma das materializações que reinauguram narrativas e existências acreditamos que seja a iniciativa da editora padê editorial, encabeçada por tatiana nascimento e Bárbara Esmênia.

A padê editorial é uma editora artesanal de livros, inspirada na máxima do “faça você mesma”, cujo fundamento é publicar livros literários de pessoas negras e lgbtqi+. A ideia do “faça você mesmo” rompe com, ao menos, quatro premissas fundamentais da política de publicação: estética, política, cooperativa e econômica. Do ponto de vista estético, a capa é confeccionada com papelão ou outro material reciclável, livro por livro, costurado em formato brochura. Como o trabalho é manual, precisa ser colaborativo, cooperativo. Diferente da forma industrial das publicações, cujo trabalho editorial é restringido à arte do *design* e às máquinas de impressão, prevalecendo a ordem da genialidade do artista, há espaço aqui para a valorização do trabalho manual, da costura,

do corte, das imperfeições. Inclusive, as autoras são convocadas a também construir seus livros, ou seja, participar não apenas do conteúdo que lhe da vida, mas também da sua arquitetura.

Com isso, a padê garante também o compromisso político em publicar trabalhos originais de sujeitos e suas histórias que se quer são pensadas ou lidas em circuitos massivos e exclusivistas de circulação literária, ampliando, assim, novas narrativas sobre “um nós” múltiplo e diverso na afrodiáspora cuíer. Além disso, todos os livros são disponibilizados em formato *e-book*, coletivizando os conhecimentos, o que rompe com o fundamental capitalista do acúmulo e da exploração.

Em dezembro de 2018, tivemos o prazer de conhecer tatiana nascimento, por decorrência do lançamento de sete livros artesanais de pessoas negras e lgbtqi+ em Salvador. Como não a conhecia pessoalmente ainda, pude conhecê-la e trocar muitas ideias sobre a padê e muitos outros assuntos. A editora foi selecionada pelo edital Fundo Elas<sup>5</sup>, de valorização das ações da sociedade civil para mulheres, em especial, mulheres negras, para publicar, inicialmente, quarenta e quatro textos de pessoas negras e lgbtqi+. Pessoas que, dificilmente, veriam seu trabalho publicado e circulando em espaços literários. Mesmo ainda restrito, tendo em vista que o mercado editorial segue a cartilha capitalista branca e masculinista, seus trabalhos tiveram a oportunidade de materializar suas existências e veicular seus sonhos.

O evento de lançamento dos livros ocorreu no dia 7 de dezembro de 2018, na Casa da Diversidade, no Pelourinho, na cidade de Salvador. Foi um evento único! Havia muita emoção concentrada naquele espaço de resistência lgbtqi+, por nós que admirávamos, por quem estava publicando, por parentes e amigxs que estavam felizes ao ver publicada uma pessoa querida. As pessoas escritoras, cujos livros estavam sendo ali lançados, mais que a felicidade de poder encontrar um espaço para publicar seus contos, poemas, ensaios ou outros gêneros, estavam radiantes de poderem, naquele momento, poderem falar e serem ouvidas. Suas palavras grafadas em livro, eternizando o momento em que suas narrativas de autoafirmação e autodefinição são consideradas. O capital simbólico a isso agregado é justamente se deparar com seu trabalho recebendo legitimidade de impressão e circulação

---

<sup>5</sup> O Fundo Elas é um fundo dedicado às mulheres no Brasil, mantido por empresas privadas, tais como, a Avon. A ideia surgiu nos anos 2000, por um grupo de mulheres, negras e brancas, de muitas partes do país, de modo contribuir com o protagonismo de mulheres nas mais diversas iniciativas. Mais informações: <http://www.fundosocialelas.org/>

em diferentes espaços, conta como uma política afetiva de fortalecimento de lutas e sonhos.

### TERCEIRO GIRO: AFETOS NEGRO-SAPATÃO E PRODUÇÃO DE SABERES

Figura 3. Tela em aquarela de Ani Ganzala



Fonte: @ganzalarts

#### *lundu,*

vem cá, deita em mim que nem ar que de tanto amar a gravidade deita em cima de tudo que tem na superfície da terra y empurra quem tá dentro dela, ou que nem água vai se deitando em ondas sobre toda areia de qualquer praia pela dança do humor das marés, vindo indo no fluxo do vento, da lua, do sol, até, se te fizer sentido [...] uma diáspora tem um som um som que seu cabelo faz no meio do meus dedo é quase um tom específico de crespo guardado entre as camadas de uma voz sua sampleando cada pétala de flores como na sua boca toda tragédia fosse virar música de novo [...] na beira do mundo, as ondas deitam na maré pra encher assim como o vento deita num pulmão pra suceder a escuridão deita no horizonte pra anoitecer y eu deito em você.

(nascimento, 2017, p. 40-41)

Quando no poema *lundu*, tatiana nascimento (2017) diz: “vem cá, deita em mim que nem ar que de tanto amar a gravidade deita em cima de tudo que tem na superfície da terra”, deslocamos os pontos de prazer e afetividade esperados e guardados para os homens cis, e redirecionamos nossa potência de vida para (sobre)vivermos e nos reinventar. Construímos, assim, uma política afetiva cuíerlombista que não separa produção intelectual de corpo, ou de prazer, ou de amor, ou de gozo. É como na pintura de Ani Ganzala, cujas sapatonas negras vão se amando, seja através do beijo, do aconchego do colo, do penteado, da valorização e animação da autoestima ou do exercício da leitura.

Como assinalou bell hooks (1995), em *Intelectuais Negras*, é pensar nossa prática intelectual de descobertas e criatividade jamais fora da “política do cotidiano”. Conforme escreveu a autora, nossa produção intelectual é fundamental como vetor de libertação:

Confirmou desde o início o que líderes negros do século XIX bem sabiam — o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes (hooks, 1995, p. 466).

Ao construir novas narrativas literárias que traduzem um pouco si em um mundo que lhe diz que sua existência não é viável, mulheres negras sapatonas, trans, travestis, não binárias e cis, refundam e compartilham suas histórias e suas experiências diversas, contraditórias, ambivalentes e anteriormente indizíveis ou impensáveis. Sonhar e fazer festa também é reagir à dor. Como o racismo tenta retirar de nossos corpos a possibilidade da criação, do sonho, do devaneio, do gozo, do amor e da felicidade, reencontramos no corpo-imagem-palavra afrografada o mecanismo de insurgência e de insubmissão necessários para não apenas representar imagens de dor sobre as violências a que somos submetidas, mas também a possibilidade de reescrever e vivenciar histórias de gozo e afetos de esperança. Assim, através do cuíerlombismo literário, ampliamos e diversificamos o mundo, mostrando a possibilidade de uma existência coletiva sem racismo ou lgbtqifobias.

o racismo tem tentado, secularmente, nos roubar o direito à existência plena, complexa, e diversa. mas o que somos é isso: seres complexos. não só máquinas de resistência e denúncia. até porque resistir ao estereótipo da resistência também é resistir! e, mais que isso, nos permite existir na plenitude que, desde o continente, aprendemos a construir como base fundamental de vida, do bem-viver. quem inventa a noção de miséria, escassez, pobreza, sofrimento como parte integrante de nossa existência negra na diáspora é a empreitada colonial de sequestro/tráfico/exploração. quem nos inventa como escravizados são os escravizadores. sempre fomos mais, sempre fomos antes, e sequer viemos pras américas pelo tráfico – aprendi isso com erica malunguinho e fabi carneiro me explicando e reexplicando sobre Luzia (nascimento, 2017).

Podemos dizer, então, que esses nossos registros são tecnologias cuíerlombistas, dentre tantas outras, que Tanya Saunders (2017) chama de epistemologia negra sapatão. Segundo a autora, epistemologia negra sapatão é a possibilidade de descentrar a concepção clássica de humanidade, focado na imagem e materialização do homem cis, branco, heterossexual, e reverter seus efeitos de encarceramento, silenciamento e

destruição de mulheres negras sapatão.

Colocar a lésbica negra, mesmo a bruxa negra, no centro de como imaginamos o que constitui a libertação humana, terá um efeito cascata em toda práxis libertária na diáspora. Na epistemologia e ontologia ocidentais, é o corpo lésbico negro, o pervertido feminino negro, e no caso do Brasil, a bruxa negra, que serve de sustentação para as definições do "não-humano", enquanto o cisgênero masculino, branco, rico, heterossexual, cristão e burguês (também conhecido como Homem) continua a servir como sustentação para o "humano", um processo enraizado na América colonial (SAUNDERS, 2017, p. 107).

Como mulheres negras sapatão, assim como as demais dissidências sexuais e gênero, não são reconhecidas dentro do reino que é chamado de humano (SAUNDERS, 2017), ouvir e reconhecer suas vozes e saberes se torna praticamente impossível. Por isso, a convocação de Saunders (2017) é de repensarmos ontologicamente nossas vidas, rejeitar as normatividades que continuam perpetuando exclusões – como a heteronorma cis masculinista – e construir bases epistêmicas a partir dos saberes de sapatonas pretas. Uma epistemologia negra sapatão, portanto, desafia a modernidade colonial eurocentrada e capitalista, porque bebe em saberes ancestrais; reivindica outras possibilidades de existências, não excludentes, dos sujeitos no mundo; e reorganiza subjetivamente a ordem social e política das sociedades. Sendo assim, ampliamos o quadro de referencialidades do que chamamos de intelectualidade e saberes. Uma epistemologia negra sapatão rompe com a disputa entre mulheres negras para definir quem ficará com os machos-alfa e retira do centro a presença dessa humanidade a masculinidade universalizada, posto que faz parte do desejo da nação cismasculina, hetero e branca que mulheres negras nutram ódio entre si e assim não construam redes de afeto. O cuierlombismo literário, portanto, assume esse lugar estratégico de combate e descentralização da figura de autoridade masculina e branca.

Uma reflexão muito importante é a proposta trazida por Maria Clara de Araújo Passos (2018), intelectual negra trans, para pensarmos o limite da desumanização colonial. Em seu recente texto, *Afrotransfeminismo e a necessidade de quilombos de afeto para travestis negras brasileiras*, a autora dialoga sobre a dor do abandono e da solidão imposto às pessoas trans e travestis negras no Brasil, com a expulsão de casa, da escola, do mercado de trabalho e da constante hipersexualização e desumanização de seus corpos, tendo a prostituição, por vezes, o único caminho (esperado) de sobrevivência. Amparada na

discussão trazida em *Memórias da Plantação*, de Grada Kilomba, Passos (2018) demonstra como a transfobia é também uma tecnologia colonial do racismo. Mas também, a autora nos convida a pensar em resistência através do quilombo afrotransfeminista, cujos afetos negros e das dissidências sexuais e de gênero sejam não uma diferença frente a um referencial branco e cismasculino, mas uma potência política de amor e revolução. A prática cuierlombista, portanto, compõe o aglomerado de todas essas nossas existências que rompem com as normatividades raciais, sexuais, nacionais, de classe e de gênero. Impõe que forjemos práticas afetivas outras que agenciem nossas vidas acuielombadas.

Lélia Gonzalez (1984), repensando e ampliando o quadro teórico marxista sobre o conceito de consciência, insere o conceito memória, que subjaz a nossa história e subjetividade coletiva enquanto povo fruto da diáspora forçosa dos nossos antepassados. Ela vai dizer que enquanto o marxismo trabalha com a dimensão da consciência, como uma condição fundamental de reorganização social, que situa o indivíduo na sua dimensão de classe; já a memória, que geralmente é lida como não-saber, ou como “vacilos da consciência”, está vinculada ao amalgamado, disperso, precário resíduo de nossas histórias interrompidas, nos saberes e práticas sociais cotidianas de coletividade negra. Isso não nos torna homogêneos ou esconde nossas diferenças, apenas revela que há na multiplicidade das nossas práticas socioculturais, certos compartilhamentos herdados de nossos antepassados, grafados em nossa pele, corpo, constituição familiar, no modo de organizar a vida.

É dessa memória afrodiaspórica cuier que reconstruímos giros no mundo. O saber da epistemologia negra sapatão nos ensina a coexistir na diferença; nos convoca a produzir conhecimentos a partir de nosso corpo, acreditando que os saberes estão nele todo, e não apenas na mente; compreende que os afetos de autocuidado – e autocuidado aqui é cuidado com a outra pessoa também – é uma política afetiva fundamental para o desmonte da cisheteronormatividade capitalista de supremacia branca; e constata que só é possível fazer esse xirê cuierlombista rodar se nos reinventamos no mundo. Eles – homens cis-brancos-ricos-cistãos-heterossexuais – não abriam (e nem abrirão) a porta. Nós a empurramos!

## **GIRO ÚLTIMO – VOZES, ECOS E ICONOGRAFIAS**

## Referências

- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese. 339f. Doutorado em Educação. Programa de Pós-graduação em Filosofia da Educação – Universidade de São Paulo, 2005.
- COLLINS, Patrícia Hills. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.
- FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, [1926] 1996.
- GANZALA, Ani. Pinturas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Aniganzala/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, 1984, p. 223-224. Disponível em: <[https://www.academia.edu/27681600/Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira\\_-\\_L%C3%A9lia\\_Gonzales.pdf?auto=download](https://www.academia.edu/27681600/Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira_-_L%C3%A9lia_Gonzales.pdf?auto=download)>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- hooks, bell. **Vivendo de amor**. Geledés, 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- \_\_\_\_\_. Devorar al otro: deseo y resistencia. In: \_\_\_\_\_. **Black Looks: Race and Representation**. South End Press: Boston, 1992. Tradução Mônica Mansour.
- \_\_\_\_\_. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, n. 2, a. 3, jun./dez., 1995.
- MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Orgs.). **Performances, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- NASCIMENTO, Beatriz. A terra é meu quilombo: terra, território, territorialidade. In: RATTI, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.
- nascimento, tatiana. **lundu**. Brasília: padê, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Da palavra queerlombo ao cuérlombo da palavra**. Palavra Preta, 2018. Disponível em: <<https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- PASSOS, Maria Clara de A. Afrotransfeminismo e a necessidade de quilombos de afeto para travestis negras brasileiras. **Alma Preta**, 2018. Disponível em: <<https://almapreta.com/editorias/o-quilombo/afrotransfeminismo-e-a-necessidade-de->



quilombos-de-afeto-para-travestis-negras-brasileiras?fbclid=IwAR3QpeMonGiuJiiHPO\_EMzXgmj8aTzux9jnyNUwCEnW6qEApeny8cstmVB8>. Acesso em: 20 jan. 2019.

SAUNDERS, Tanya. Epistemologia negra sapatão. **Periodicus**, v. 7, n. 1, maio/out. 2017, p. 102-116.